

Edita:

Asociación Universitaria de Profesores de Didáctica
de las Ciencias Sociales (AUPDCS)

<https://publicaciones.unex.es/index.php/reidics>



<https://doi.org/10.17398/2531-0968.13.07>

Palavras que dão sentido à História - ideias de estudantes em finais de ciclo da escolaridade obrigatória e do Mestrado em Ensino de História

Words that give meaning to History - ideas from students at the end of compulsory school cycle and from the MA in History Teaching

Glória Solé  0000-0003-3383-5605

Universidade do Minho, Portugal.

gsole@ie.uminho.pt

Marília Gago  0000-0002-3109-8915

Universidade do Minho, Portugal.

mgago@ie.uminho.pt

Fechas · Dates

Recibido: 25 de mayo de 2023

Aceptado: 27 de julio de 2023

Publicado: 30 de septiembre de 2023

Financiación · Funding

Este trabalho é financiado pelo CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, projetos UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT." e "La enseñanza y el aprendizaje de competencias históricas en bachillerato: un reto para lograr una ciudadanía crítica y democrática [PID2020-113453RB-I00], subvencionado por la Agencia Estatal de Investigación de España (MCIN/AEI/10.13039/501100011033); y UIDB/01661/2020.

Cómo citar · How to cite

Solé, G., & Gago, M. (2023). Palavras que dão sentido à História - ideias de estudantes em finais de ciclo da escolaridade obrigatória e do Mestrado em Ensino de História. *REIDICS*, 13, 107-121. <https://doi.org/10.17398/2531-0968.13.07>

Resumo

A História assume-se como a ciência que pretende reconstruir as realidades do passado procurando explicar as razões, as motivações e as intenções das ações e das interações entre os diversos seres humanos nos diferentes segmentos temporais, bem como dar sentido ao todo da experiência histórica em que o “eu” e o “nós” se vai reconstruindo dinamicamente no fluir temporal. Este estudo quantitativo-descritivo e interpretativo procura compreender o que é que os jovens, em diferentes estádios de formação (final do ensino básico, secundário e no mestrado de ensino de História), entendem e que ideias expressam sobre o que é a História e como esta pode ser útil para a sua vida prática. Aplicou-se um questionário, em formato online (*google form*) a um universo de 93 participantes (amostragem estratificada e de conveniência), estudantes de final de ciclo de estudo, em que se pedia para responder, de forma aberta, a duas questões: “Indique três palavras que podem resumir o que é para si História” e “Indique três palavras em que indique para que serve a História”, justificando. A análise dos dados evidenciou que a maioria dos estudantes do 3.º CEB e do ensino secundário expressam uma ideia de História em linha com uma consciência histórica tradicional e exemplar, considerando que o estudo do passado é relevante para a obtenção de conhecimento, de cultura e de lições e erros. Alguns estudantes do ensino secundário considerando a História relevante como ciência, e os estudantes do ensino superior a relacionam com a memória e como essencial para a formação da consciência histórica e da identidade. Os resultados apontam para a necessidade de articular a formação dos estudantes de diferentes ciclos de estudo com as propostas emanadas da investigação na área da Educação Histórica em maior sintonia com as orientações curriculares.

Palavras-chave: História; aprendizagem histórica; educação histórica; consciência histórica; orientação temporal.

Abstract

History is assumed as the science that aims to reconstruct the realities of the past, seeking to explain the reasons, motivations and intentions of the actions and interactions between different human beings in different temporal segments, as well as to give meaning to the whole of the historical experience in which the "I" and the "We" are dynamically reconstructed in the temporal flow. This quantitative-descriptive and interpretative study seeks to understand what young people at different stages of training (end of 3rd CEB, secondary school and in the history teaching master's course) understand and what ideas they express about what history is and how it can be useful for their practical life. A questionnaire was applied, in online format (*google form*), to a universe of 93 participants (stratified convenience sampling), final-year cycle, who were asked to answer two open-ended questions: "Name three words that can summarise what history is for you" and "Name three words in which you indicate what history is for", with a justification. The analysis of the data showed that most students of the 3rd CEB and secondary school express an idea of History in line with a traditional and exemplary historical consciousness, considering that the study of the past is relevant to obtain knowledge, culture and lessons and mistakes. Some secondary school students considering History relevant as a science, and higher education students relating it to memory and as essential for the formation of historical consciousness and identity. The results point to the need to articulate the training of students from different study cycles with the proposals emanating from research in the area of History Education in greater harmony with the curricular guidelines.

Key Words: History; historical learning; historical education; historical consciousness; temporal orientation.

Resumen

La Historia se asume como la ciencia que pretende reconstruir las realidades del pasado, buscando explicar las razones, motivaciones e intenciones de las acciones e interacciones entre diferentes seres humanos en distintos segmentos temporales, así como dar sentido al conjunto de la experiencia histórica en la que el "yo" y el "nosotros" se reconstruyen dinámicamente en el flujo temporal. Este estudio cuantitativo-descriptivo e interpretativo pretende comprender qué entienden y qué ideas expresan los jóvenes en diferentes etapas de formación (final de la escuela básica- 3.ºESO, de la escuela secundaria- Bachillerato y en el máster de enseñanza de la historia) sobre qué es la historia y cómo puede ser útil para su vida práctica. Se aplicó un cuestionario, en formato online (*google form*), a un universo de 93 participantes (muestreo estratificado por conveniencia), a los estudiantes de último curso, a los que se pidió que respondieran a dos preguntas abiertas: "Nombra tres palabras que puedan resumir lo que es para ti la historia" y "Nombra tres palabras en las que indiques para qué sirve la historia", con una justificación. El análisis de los datos mostró que la mayoría de los alumnos de 3º de ESO y Bachillerato expresan una idea de la Historia acorde con una conciencia histórica tradicional y ejemplar, considerando que el estudio del pasado es relevante para obtener conocimientos, cultura y lecciones y errores. Algunos alumnos de secundaria consideran la Historia relevante como ciencia, y los de enseñanza superior la relacionan con la memoria y como esencial para la formación de la conciencia histórica y la identidad. Los resultados apuntan a la necesidad de articular la formación de los alumnos de los diferentes ciclos de estudio con las propuestas emanadas de las investigaciones en el área de la Enseñanza de la Historia en mayor sintonía con las orientaciones curriculares.

Palavras-Clave: Historia; aprendizaje histórico; enseñanza de la Historia; conciencia histórica; orientación temporal

Introdução

A História assume-se como a ciência que pretende reconstruir as realidades do passado procurando explicar as razões, as motivações e as intenções das ações e das interações entre os diversos seres humanos nos diferentes segmentos temporais, bem como dar sentido ao todo da experiência histórica em que o "eu" e o "nós" se vai reconstruindo dinamicamente no fluir temporal. Este fazer sentido histórico ancora-se e materializa-se narrativamente. Assim, a orientação temporal que contribui para o modo como se "lê" a realidade, se toma decisões e se age, potencia e é fruto da competência narrativa. Neste sentido, a História ciência dá corpo à disciplina escolar de História nos diferentes anos e níveis de ensino que, em linha com a Educação Histórica tem como objetivo fundamental o desenvolvimento do conhecimento e do pensamento histórico através do estudo de diversas realidades contextualizadas culturalmente, contribuindo para uma "leitura" do mundo mais complexa, fundamentada e em compromisso com o ceticismo racional promotora de um pensamento independente, uma tomada de decisão e uma ação mais consciente.

Partilha-se a ideia que a aprendizagem, nomeadamente, histórica é um processo de construção de sentido das realidades do passado com base num questionamento do presente, fruto de carências e de interesses, alicerçado em evidência histórica que ganha significado pelo tecer de uma argumentação narrativa e explicativa. Neste sentido, a aprendizagem histórica relaciona-se, também, com os procedimentos cognitivos de consciência histórica. Contudo, a consciência histórica não se prende apenas com a experiência consciente e cognitiva, conjuga em si a dimensão emocional, empírica e normativa. Pensar historicamente pode ser anco-

rado em ideias de passado fixo, estático, que define a origem, a tradição, a narrativa e a identidade alicerçada na origem; em ideias de um passado prático, narrado atendendo à norma, que permite aprender com a maior quantidade de erros e lições que se conhecer, e que serão úteis para o presente e o definir de identidade; bem como em ideias em que se compreende o passado per si (passado histórico), as realidades no seu contexto intercultural, dando sentido ao todo temporal de experiência histórica, numa lógica de narrativa e identidade intercultural, dinâmica e a “ir sendo” (Oakeshott, 1930; Lee, 2001; Rüsen, 2016a; Rüsen, 2016b; Gago, 2018a).

Vários estudos quer de carácter quantitativo quer de carácter qualitativo têm demonstrado que a maioria dos seus participantes concebe a História como útil para a sua vida prática através dos exemplos e lições a evitar e seguir, respetivamente, seguindo-se uma visão da utilidade da História adstrita ao definir as raízes, as origens e as tradições individuais e coletivas. No caso do estudo quantitativo europeu *Youth and History*, que contou com a participação de 31000 adolescentes com idades entre os 14 e os 15 anos e professores, de 24 países na Europa mais a participação de Israel, Palestina e Turquia, coordenado internacionalmente por Von Borries e Angvik (2000) e por Pais (2000) em Portugal, aponta-se que os estudantes consideram que os objetivos de ensinar e aprender História estão relacionados com o conhecimento sobre os factos principais da História e as tradições, características e valores da nação e sociedade. Por seu turno, os professores apontavam para a explicação de situações do mundo atual e a procura de tendências de mudança, bem como para a interiorização dos valores básicos da democracia. Os estudantes e professores portugueses comungam das ideias já apresentadas que apontam para um modo de fazer sentido, de orientação temporal e de consciência histórica tradicional e exemplar. Os estudos qualitativos realizados em Portugal apontam para situações semelhantes, embora se tenham denotado algumas alterações ao longo do tempo, talvez fruto das alterações educativas e formativas (Barca, 2007; Gago, 2007 e 2018b; Solé & Gago, 2021).

O modo como se dá sentido e significado à experiência histórica, cerne da aprendizagem histórica, articula não só a Epistemologia da História, mas também a Epistemologia da Educação e a História pública partilhada. Em sintonia com uma perspetiva narrativista em diálogo com o realismo crítico no campo da Epistemologia da História (Gallie, 1964; Atkinson, 1978; Lorenz, 1998), surgem as propostas de cognição situada operacionalizadas nos princípios do construtivismo social que parecem harmonizar-se com a História ciência e a História pública. Deste modo, o conhecimento e pensamento histórico desenvolvido nos diversos anos e ciclos de escolaridade, pode espelhar o modo de agir na vida prática individual e coletiva.

Em termos de contextualização curricular dos ciclos de escolaridade, as Aprendizagens Essenciais (MEC/DGE, 2018), revistas a 4 de fevereiro de 2022, determinam o que os estudantes devem atingir no final de cada ciclo de estudos, não apenas em termos de conhecimento (conceitos e conteúdo substantivo da disciplina), mas também competências específicas da História e os procedimentos metodológicos da aprendizagem histórica (conceitos metahistóricos) que dão corpo aos designados Domínios da disciplina de História: Interpretação de fontes históricas diversas para a construção da evidência histórica; Compreensão contextualizada das realidades históricas; Comunicação em História: narrativa histórica (MEC/DGE, 2018, p.5).

Pretende-se com este documento normativo curricular, que é o único documento curricular em vigor, por determinação do Despacho n.º 6605-A/2021 de 6 de julho de 2021, que os alunos adquiram uma “consciência histórica que lhe permita assumir uma posição crítica e participativa na sociedade, reconhecendo a utilidade da História para compreender de forma integrada o mundo em que vive e para a construção da sua identidade individual e coletiva” (AE, 7.º, 8.º, 9.º ano, pp. 2-3).

De acordo com este documento, e em linha com a investigação em Educação Histórica há uma recentragem da importância da História e do seu ensino no desenvolvimento de capacidades que promovam o pensamento histórico e a formação de uma consciência histórica, interligando os conceitos históricos (substantivos) aos conceitos procedimentais, metodológicos (metahistóricos) para a compreensão dos factos e fenómenos históricos desde a pré-história à atualidade (Solé, 2021a, 2021b).

No 3.º Ciclo do Ensino Básico, a História torna-se uma disciplina autónoma, o currículo de História é organizado em espiral, integrando conteúdos programáticos já abordados no 5.º e 6.º anos (História Nacional), mas agora num âmbito mais alargado, maioritariamente europeu e mundial, embora ainda numa perspetiva eurocêntrica e cronológica, para dar aos alunos uma consciência de outras realidades espaciotemporais, relacionando a história de Portugal com a história da Europa e do Mundo.

Neste ciclo, a História visa também contribuir para a promoção de competências transversais, como o de serem capazes de reconhecer a importância dos valores de cidadania para a formação de uma consciência cívica, o respeito por outros povos e pela diversidade étnica, ideológica e cultural, contribuindo para a interação entre culturas e dignidade humana, estando em linha com o humanismo defendido no ensino da história por autores como Osler & Starkey (2010) e Rösen (2015).

Ressalva-se que a aprendizagem de História, apenas é obrigatória até ao 9.º ano de escolaridade. A partir do 10.º ano a disciplina deixa de ser obrigatória e surge apenas nos cursos de Humanidades (História A), Ciências Socioeconómicas (História B) e Artes (História e Cultura das Artes), sendo os conteúdos de História ajustados a cada curso. Há sequencialidade entre o 3.º CEB e o ensino secundário, mas com um aprofundamento maior dos conteúdos seguindo uma perspetiva cronológica, desde a antiguidade à atualidade. No secundário, a história nacional volta a ser convocada, com uma maior complexidade do conhecimento histórico, que não se limita a conteúdos conceptuais, mas também procedimentais e atitudinais, dando-se grande ênfase à problematização, ao sentido crítico, e reflexivo, dotando-se os “alunos de instrumentos que contribuam para uma cidadania interventiva, partindo de um conhecimento rigoroso do passado mais próximo, aliado a uma dimensão problematizante e explicativa” (AE, MEC/DGE, História A, 12.ºano, p. 5) (Solé, 2021b).

Em Portugal, para ser professor de História é exigido que seja profissionalizado, atualmente só possível com a realização do Mestrado em Ensino de História no 3.º CEB e no ensino Secundário, que é oferecido por 6 instituições de ensino superior público: Universidade do Porto (FLUP); Universidade do Minho; Universidade de Coimbra, Universidade Nova de Lisboa; Universidade de Lisboa e recentemente Universidade dos Açores (Solé, 2021b). No ensino su-

perior, na formação de docentes desta área, que se inicia com uma licenciatura de História, ou áreas afins como História de Arte ou História e Ciências Sociais, para além do conhecimento e da compreensão da História da Humanidade e da História Nacional, desde a Pré-História à Idade Contemporânea, ao longo dos 3 anos da licenciatura, procura-se dotar os alunos de competências específicas no âmbito da História, no sentido de “interpretar os processos de mudança e continuidade”, “relacionar causas e consequências dos fenómenos históricos”, “proceder a explicações e interpretações”, “contextualizar” ações, fenómenos, acontecimentos, discursos, etc., em função da época ou fases históricas estudadas, bem como levá-los a adotar procedimentos do “ofício” do historiador, “realizar pesquisas” individual ou em grupo, a nível bibliográfico e em arquivos, em função dos objetivos da pesquisa e da problemática de estudo, “contactar e questionar fontes de diversos tipos”, desenvolver “atitudes de problematização” e de “crítica às fontes”, saber defender pontos de vista e multiperspetivas, mediante a problematização das fontes e o “levantar hipóteses” perante os resultados obtidos e saber construir narrativas históricas ao “desenvolver formas eficazes de apresentação oral e escrita da pesquisa efetuada” (ICS-UM, 2022).

No Mestrado em Ensino de História no 3.º CEB e no Ensino Secundário da Universidade do Minho visa-se formar professores de História que sejam profissionais informados, críticos e interventivos, capazes de reconstruir o seu pensamento e ação ao longo da vida. Promovem-se e fomentam-se momentos, estratégias e tarefas orientadas pelos princípios da reflexividade, auto-direção, criatividade e inovação, incorporando-se a mais recente investigação no campo da Educação Histórica, dotando-se os futuros professores de conhecimentos e competências históricas e educativas para agirem como profissionais competentes no ensino básico e secundário (IE-UM, 2022).

Assim, tendo por base o processo de ensino e aprendizagem de História inerente a cada ciclo de escolaridade e de formação, o principal objetivo deste estudo é analisar as ideias que os estudantes expressam, em final de ciclo de estudos, sobre o que é a História (conceito) e a sua utilidade (para que serve), e identificar os perfis de ideias que emergiram, tendo por base as palavras mais referidas e as justificações apresentadas. Através deste ensaio procuraremos contribuir para uma reflexão crítica sobre o conhecimento e relevância atribuída à disciplina de História por estudantes de diferentes ciclos de estudo (ensino básico, secundário e superior).

Métodos

Em termos metodológicos, este estudo quantitativo-descritivo (Cohen, Manion & Morriison, 2001) e interpretativo (Erickson, 1995), procura analisar que ideias expressam os estudantes em final de ciclo de estudos, sobre o que é a História e para que serve a História. No ano letivo de 2021-2022, aplicou-se, a estudantes do ensino básico, secundário e superior, um questionário online, em formato *google form*, com as seguintes duas questões: “Indique três palavras que podem resumir o que é para si História” e “Indique três palavras em que indique para que serve a História”.

Este estudo conta com 93 participantes, de escolas básicas e secundárias de Braga e da Universidade do Minho, e de diferentes estratos: estudantes em fim de ciclo de estudo, 33

estudantes do 9.º ano (3.º ciclo do ensino básico), 53 estudantes do 12.º ano (ensino secundário), e 8 estudantes do 2.º ano do Mestrado em Ensino de História no 3.º CEB e no Ensino Secundário (2.º ciclo do ensino superior). Foram selecionados estes anos porque correspondem a fases chave no processo de formação ao nível da aprendizagem da História, pois o 9.º ano corresponde ao final do 3.º CEB em que todos os alunos obrigatoriamente têm História, o 12.º ano do Ensino Secundário do Curso de Humanidades, tem como disciplina obrigatória História A, e a nível superior estudantes do 2.º ano do Mestrado em Ensino de História, encontrando-se no período de realização do estágio profissionalizante do grupo de docência 400 – amostragem estratificada e de conveniência (Cohen, Manion & Morriison, 2001).

Tabela 1

Distribuição da amostra dos inquéritos feitos aos estudantes dos ensinos básico, secundário e superior

Ensino	Nível	História	História (%)
Obrigatório	3.º Ciclo - Básico	33	35,1
	Secundário	53	56,4
Superior	Mestrado (ensino)	8	8,5
Total		94	100

Fonte: Elaboração própria.

A etapa seguinte consistiu no tratamento da informação recolhida no questionário aplicado online, através da quantificação e conseqüente ordenação hierárquica das palavras enunciadas pelos estudantes. Para tal, utilizamos a aplicação online *Wordclouds*¹, que permite a inserção do texto, e quantificação automática das palavras. Após a exportação do ficheiro “cvs”, o tratamento dos dados foi realizado em Excel. No tratamento de dados, para além da exclusão automática de palavras de ligação, foram eliminados todos os verbos, que remetiam para ações, aprendizagens, comportamentos, e ou atitudes, como analisar, explicar, compreender, entender, entre outras, evidenciando-se os conceitos mais articulados com a História, considerando-se apenas as 20 palavras com maior valor para um dos ciclos de estudos, o que permitiu estabelecer um paralelo das palavras mais e menos frequentemente referidas pelos estudantes.

Discussão dos resultados

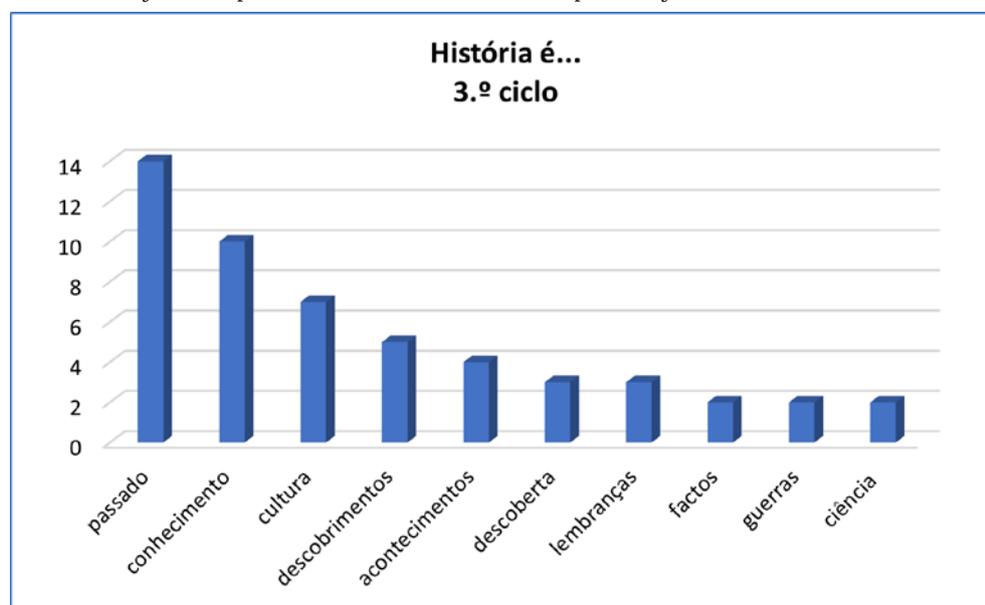
Tendo por base os objetivos deste estudo, a apresentação e discussão dos resultados passa, em primeiro lugar, pela análise e interpretação das ideias que surgem sobre o conceito de História e a utilidade reconhecida pelos estudantes. Depois, iremos, através da repetição, por ciclo de estudos, dos registos de palavras mais elevados (superiores a 20 – como descrito

1. <https://www.wordclouds.com/>, acessado em 2023/05/24

atrás), refletir acerca de como estas ideias se articulam com as propostas da Educação Histórica partilhadas, nomeadamente como é que os participantes pensam que a História pode contribuir para a orientação da vida prática.

Neste sentido, para a maioria dos estudantes do 3.º ciclo a História é “passado”, “conhecimento” e “cultura”, como se pode observar no gráfico da figura 1. Num segundo plano sobressai a ideia de associar a História à descoberta do passado expresso por palavras como “descobrimientos” e “descoberta”, entendidas como meio de aceder ao que aconteceu, evidenciado por “factos”, muitas vezes relacionados com momentos de conflito, como as “guerras”. Evidencia-se nestes estudantes ideias de História associada a um passado fixo, estático, que define a origem, ao preocuparem-se com o conhecimento e a cultura que a História possibilita, mas também a sua utilidade na aprendizagem para o presente, evitando-se cometer “erros” do passado, expresso pela relevância atribuída a momentos de tensão, conflito e de guerra, conteúdo amplamente abordado no 9.º ano de escolaridade (AE-MEC/DGE, 9.º ano, 2018). Neste sentido, estes estudantes que, na sua maioria, terminam a sua formação histórica neste ano de escolaridade, parecem apresentar ideias que podem refletir uma consciência histórica tradicional e uma consciência histórica exemplar (Rüsen, 2010). Assim, uns apontam que a História é importante para saberem as suas raízes, quase como se estas fossem fixas e únicas, outros veem a História importante para aprenderem com as lições do passado ou os erros a não cometer, sem haver o cuidado necessário de contextualizar as realidades históricas em que as relações entre os seres humanos decorreram/decorrem que, naturalmente, diferem entre si.

Figura 1
Palavras referidas pelos estudantes do 3.º CEB para definir História



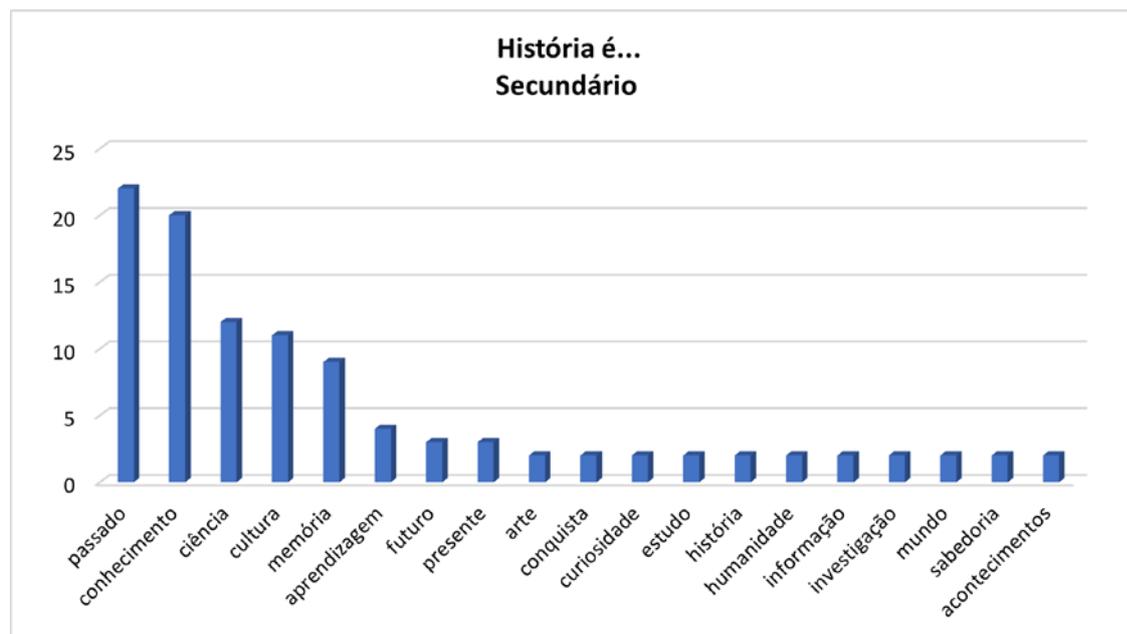
Fonte: Elaboração própria.

O mesmo sentido é evidenciado pelos estudantes do ensino secundário, que na sua maioria continuam a considerar a História associada a “passado”, “conhecimento” e “cultura”, mas expressam já o reconhecimento da História como “ciência”, relacionando-a com aspetos me-

todológicos, como a “pesquisa”, o “estudo” e a “investigação”, inerente à epistemologia da História e alguns apontam ou articulam-na também com outros segmentos temporais para além do “passado”, como o “presente” e “futuro”, realçando a “memória” como fator determinante da História. Neste sentido, surgem ideias que apontam para a emergência de uma orientação temporal dinâmica e que conjuga os vários segmentos temporais e não apenas arregadas a uma visão tradicional de procura da origem que é transportada sem contextualização para o presente (Rüsen, 2010), como se pode constatar no gráfico da figura 2.

Figura 2

Palavras referidas pelos estudantes do Secundário para definir História

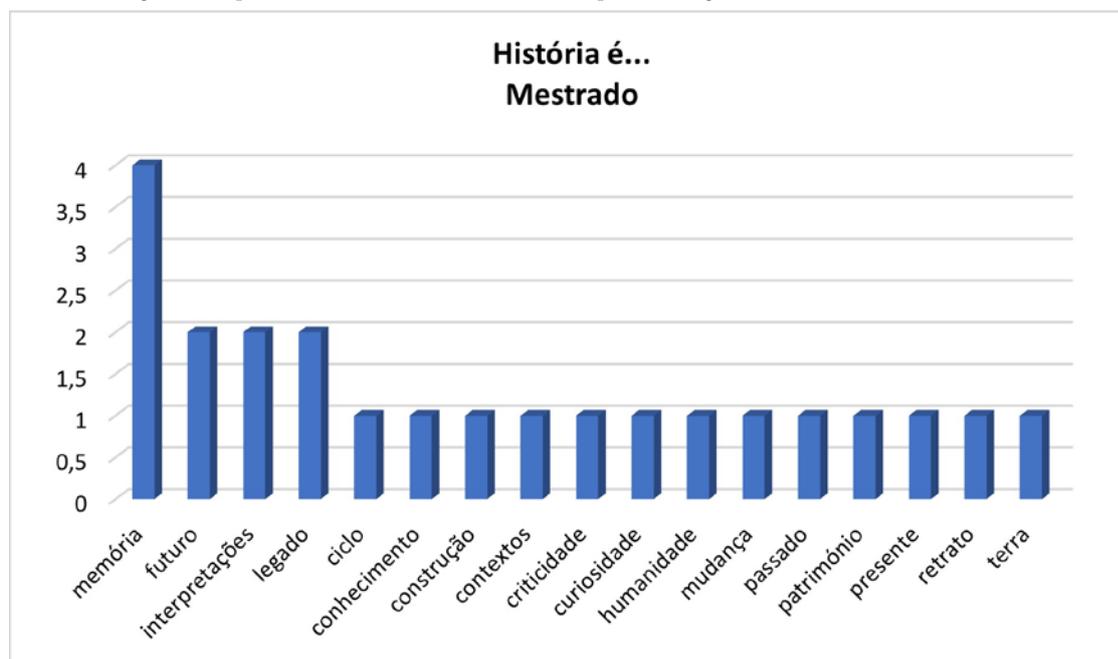


Fonte: Elaboração própria.

Para a maioria dos estudantes do 2.º ano do Mestrado a História é “memória”, “legado”, “interpretações” e “futuro”, como se pode observar no gráfico da figura 3. Surgem ideias também associadas à teoria da História e do conhecimento histórico, como “críticidade”, “construção” e “contextos”, articulando os três segmentos temporais, “passado”, “presente” e “futuro”, como essenciais para o conhecimento do “mundo” e da história da “humanidade”. Estas ideias estão em linha com a abordagem educativa subjacente ao curso de Mestrado em ensino da História na Universidade do Minho, que se pauta pelas propostas da Educação Histórica. Assim, durante a sua formação, os estudantes, futuros professores, experienciam nas suas aulas, nomeadamente de Metodologia do ensino da História, a articulação das epistemologias da História e da Educação, com a investigação e as práticas educativas. Pretende-se que os princípios teóricos sejam vivenciados na preparação educativa dos futuros professores para que estes “vejam” a sua exequibilidade e significância, de modo a poderem orientar a sua prática profissional pelos princípios da Educação Histórica.

Figura 3

Palavras referidas pelos estudantes do Mestrado para a definir História



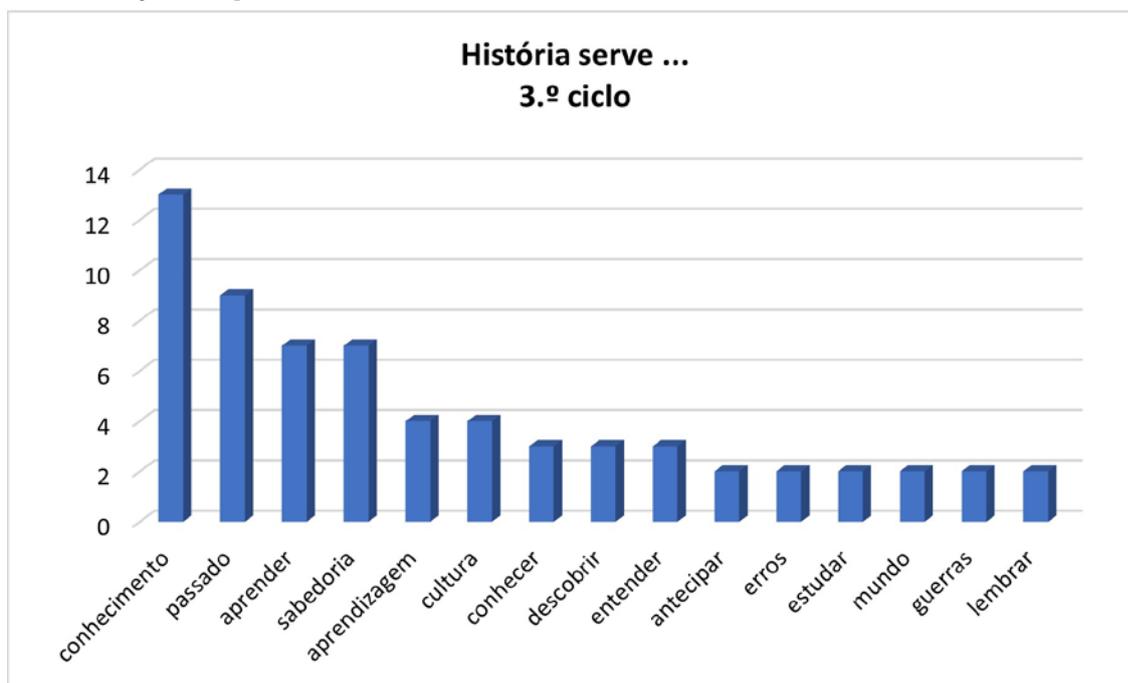
Fonte: Elaboração própria.

De forma global, os estudantes dos anos finais do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário apresentam ideias que apontam para a possibilidade de existir uma confusão entre os conceitos de “Passado” e “História”, bem como associam a História ao “conhecimento” e à “cultura”, talvez numa perspectiva de narrativa exemplar com um cariz mais ou menos fixo (Rüsen, 2010). Ressalva-se que, se no caso das ideias dos estudantes do 9.º ano de escolaridade, a ideia de “ciência” surge como uma das ideias menos frequentes, enquanto no caso dos estudantes do ensino secundário esta aparece em 3.º lugar, logo seguida da ideia de “cultura”. No âmbito do 2.º ano do Mestrado, sobressai a ideia de História como “memória” e “legado”, numa perspectiva de narrativa de fazer sentido histórico e cortar com a tradição, bem como com as suas contradições, expressas através da cientificidade da História, embora a palavra ciência não seja referida, ela surge subentendida associada a critérios metodológicos, como o de “criticidade”, “interpretações” e “construção”. A noção de “mudança” é inerente ao conceito de História e expressa-se nestes estudantes na ideia de temporalização da História, quando para além da palavra “futuro” como prevaiente, a articulam com “passado” e “presente”, embora menos referidas.

Quanto à função e utilidade da História, para a maioria dos estudantes do 3.º ciclo esta está associada ao “conhecimento”, “passado”, “sabedoria” e “cultura” como se pode observar no gráfico da figura 4. Surge de certa forma, um maior entendimento da sua relevância, pois para além da referência ao mero conhecimento do passado na ideia do que é História, há um entendimento que a História permite “entender”, “conhecer”, mas também “antecipar” e evitar “erros”, considerando a História como mestra de vida, numa perspectiva de consciência exemplar (Rüsen, 2010).

Figura 4

Palavras referidas pelos estudantes do 3.º CEB sobre a utilidade da História

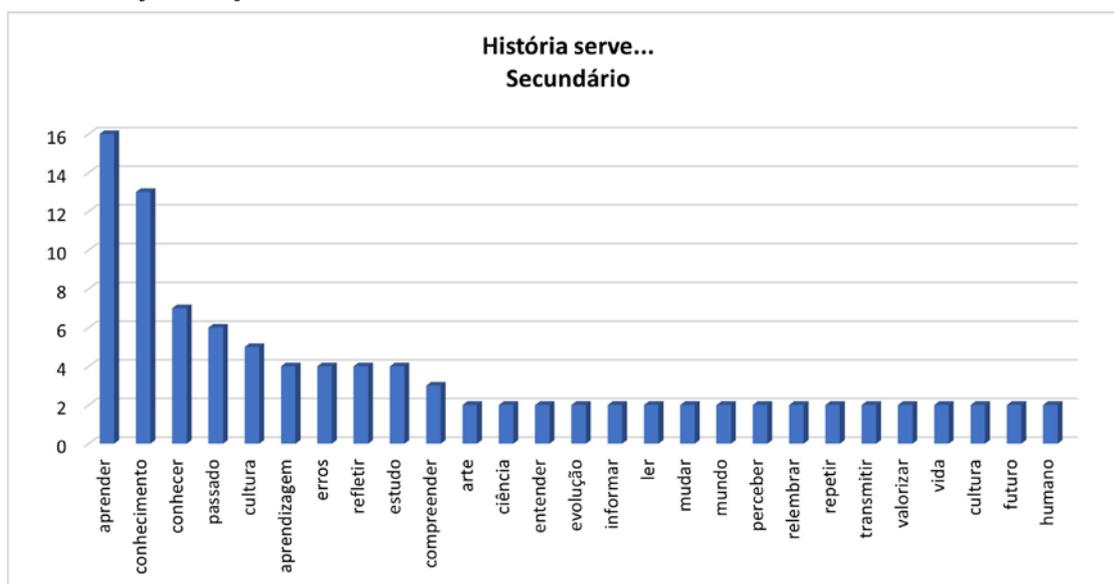


Fonte: Elaboração própria.

Por sua vez no ensino secundário, os estudantes na sua maioria realçam a relevância da História para “aprender”, obter “conhecimento” principalmente do “passado” e essa “aprendizagem” contribuí para a aquisição de “cultura”, como se comprova no gráfico da figura 5. As ideias dos estudantes do ensino secundário não se afastam muito das do 3.º CEB, e do que entendem por História, embora as suas ideias sejam mais abrangentes, apontando alguns já a noção de “arte” e “ciência” e o seu papel para um melhor entendimento do mundo e da humanidade.

Figura 5

Palavras referidas pelos estudantes do Secundário sobre a utilidade da História

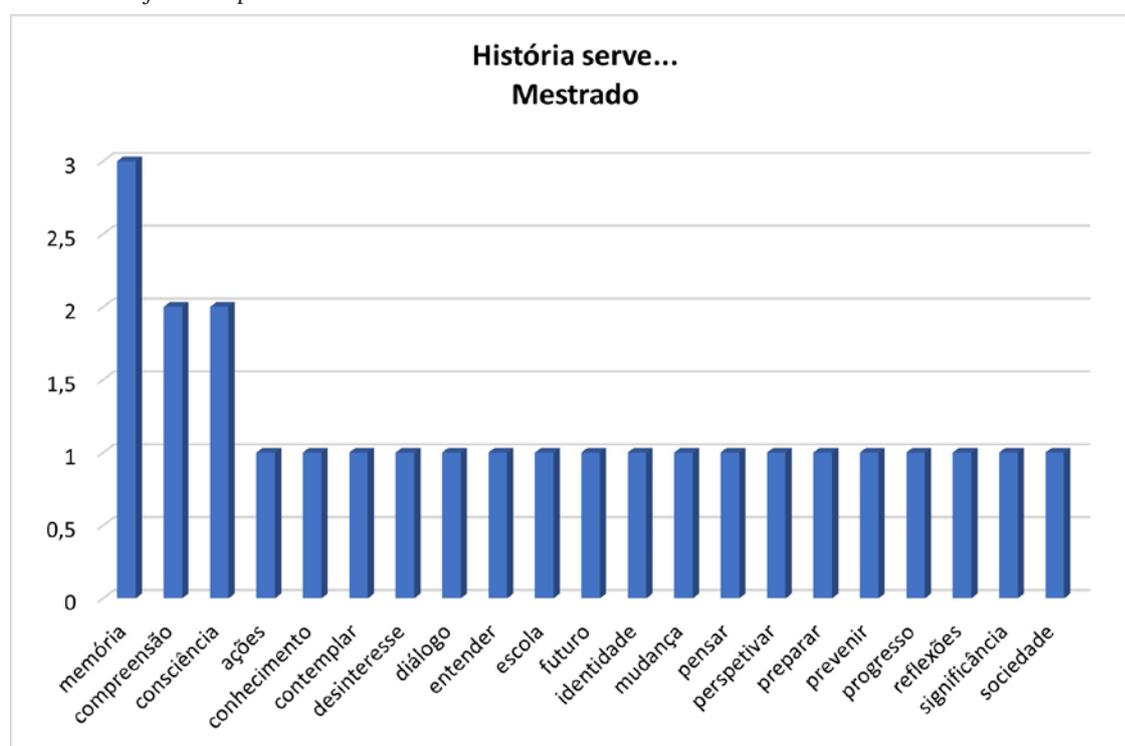


Fonte: Elaboração própria.

Relativamente aos estudantes do mestrado, para além da “memória” preponderante como função da História, surge um novo conceito, que atinge níveis relevantes, o de “consciência”, revelador da formação académica no mestrado ao nível da metodologia de ensino de História, em linha com as propostas da Educação Histórica e sua articulação com a área de formação específica. Denota-se uma assunção holística do conceito de “consciência”, podendo ser relacionada com a função da História contribuir para desenvolver a consciência histórica essencial para a orientação temporal e a construção de identidade histórica (Rüsen, 2016a). Para estes estudantes, a História é importante para “compreender” a realidade humana, não só do passado, mas dar sentido ao presente e projetar cenários futuros, surgindo assim palavras como “perspetivar”, “preparar”, “prevenir” (Figura 6).

Figura 6

Palavras referidas pelos estudantes do Mestrado sobre a utilidade da História



Fonte: Elaboração própria.

Em termos de função da História, mantém-se a relevância do “passado”, associado ao estudo do passado humano, à sua construção pelos historiadores, tal como expressam os alunos do ensino básico e do ensino secundário, enquanto que os estudantes no ensino superior e com uma formação profissionalizante para serem professores de História, parecem apontar para uma utilidade holística da História, que contribui para formar cidadãos críticos, reflexivos e com uma consciência histórica que lhes permita compreender o mundo e dar sentido à realidade presente, passada e perspetivar cenários futuros, potenciador da formação de uma identidade histórica, estando em linha com a emergência de uma consciência histórica ontogenética de Rüsen (2010).

Analisaram-se as ideias presentes na justificação das palavras escolhidas pelos estudantes, tendo emergido quatro perfis de ideias de orientação temporal para a vida prática. A saber:

- a. conhecimento e cultura para o presente;
- b. passado imutável, origem e mudança em progresso positivo – identidade original;
- c. erros a não cometer, mudança em progresso positivo, emergência de preocupações/ações de futuro – identidade exemplar;
- d. história ciência, questionadora e emergência de modo(s) de “ler” as realidades dos diferentes segmentos temporais e de agir – identidade temporalmente multiperspectivada.

Alguns estudantes parecem conceber a História como um conhecimento útil para o presente, pois permiti-lhes ter cultura. Como referem:

“Conhecimento, pois temos conhecimento de grande parte dos grandes feitos ao longo do tempo, e porque uma pessoa que sabe história é uma pessoa com conhecimento. Cultura, pois a história faz parte da cultura geral pessoal de cada indivíduo.” (Alina, 9.º ano)

“Conhecimento, pois é fundamental conhecer a nossa história apesar de passada.

Informação, pois sempre é bom ter algo sobre o que falar, e saber-se do que se fala ainda é melhor!” (Ana, 12.º ano)

Outros estudantes, em maior número que os anteriores, apresentam outro tipo de ideias mais relacionadas com um modo de fazer sentido do passado pensado de forma imutável, em que é necessário saber a origem e se perspectiva o passar do tempo numa lógica de progresso positivo com o olhar focalizado no futuro. Estas ideias surgem nestas respostas:

“Ficarmos a saber mais sobre o passado e conhecer melhor o país que vivemos.” (Bernardo, 9.º ano)

“A história serve para termos mais conhecimento sobre o nosso passado e para estarmos mais a par das nossas culturas e tradições.” (Bianca, 12.º ano)

“Mediante as escolhas dos nossos antepassados melhorar.” (Bruno, 12.º ano)

A maioria dos estudantes considera que a História serve para conhecermos os erros e aprendermos as lições com o passado para os evitarmos e seguirmos, respetivamente. Como afirmam:

“A História serve para conhecer as escolhas/atitudes feitas pelas pessoas, e entender o seu resultado, não correndo o risco de cometer os mesmos erros no presente e no futuro.” (Carolina, 9.º ano)

“Através da História podemos aprender os erros do passado para não os voltarmos a cometer no futuro.” (Cristina, 12.º ano)

Transversalmente surgem ideias mais complexas acerca de como a História pode contribuir para a tomada de decisão e ação na vida prática, como nos referem:

“O foco principal da história, na minha opinião, é o estudo dos eventos e ações do ser humano ocorridos no passado fazendo também referência ao ser humano do presente, em todas as regiões do mundo.” (Dinis, 9.º ano)

“A História serve para compreendermos tudo o que se passa em nosso redor, bem como justificar determinados acontecimentos e situações. Isto porque conhecemos, não nos limitando ao que acontece hoje e agora.” (Daniela, 12.º ano)

“Construção de conhecimento que vá além de uma visão superficial da realidade que nos cerca. Valorização de património material e imaterial, assim como a problematização dos mesmos, permitindo olhar e ver neles a multiplicidade de narrativas e valores que abarcam. Segurança, a nível individual e profissional, porque o conhecimento transmite firmeza na construção de nossas leituras históricas, mas também de opiniões e valores pessoais, sem deixar de admitir a beleza da vulnerabilidade (ou da convicção) do nosso olhar sobre determinadas coisas.” (Dalila, 2.º ano do mestrado)

Conclusões

A História, que se distingue do passado que pretende explicar de forma sustentada na evidência histórica, tem como objeto desenvolver o conhecimento e o pensamento histórico de diversas realidades contextualizadas culturalmente contribuindo para a tomada de decisão e ação-vida prática. A narrativa histórica assume-se como a face material da História e da consciência histórica, e o ato de narrar dá e potencia o sentido de pensar historicamente num todo temporal em que se articula o passado com as questões, carências do presente e se “ensaia” horizontes de expectativa da ação humana. Neste sentido, quando se propõe aos estudantes que selecionem palavras para definir História e a sua “usuabilidade” na vida prática, justificando as suas opções, desafia-se a criarem narrativas abreviadas (Rüsen, 2015).

As ideias que surgem das narrativas abreviadas dos estudantes nos anos finais de diversos ciclos apontam, de forma transversal e mais frequente, para uma consciência histórica tradicional e exemplar. Ressalva-se que algumas ideias sugerem uma consciência histórica mais sofisticada que pode ser considerada como a emergência de uma consciência histórica ontogenética, também entre os diversos participantes de forma transversal. Neste sentido, o facto de os estudantes terem maior escolarização potencia o surgimento de ideias mais complexas, mas estas surgem entre os diversos grupos de participantes, logo o fator de maior escolarização *per se* não sugere uma maior complexificação de pensamento, consciência histórica. Estes dados vão ao encontro dos dados e resultados de vários estudos de investigação desenvolvidos em Portugal e na Europa, realizados em diferentes momentos, podendo sugerir que o facto de terem existido reformas curriculares em Portugal, nomeadamente a reforma de 2018, em sintonia com alguns princípios da Educação Histórica, ainda não revelaram os impactos desejados. Esta situação pode dever-se a vários fatores que passam por a reforma ainda estar a ser implementada, bem como ser necessária a mudança de práticas educativas intencionais e sistematizadas nos diversos ciclos de escolaridade.

Referências

- Atkinson, R. F. (1978). *Knowledge and explanation in history: An introduction to the philosophy of history*. Macmillan.
- Barca, I. (2007). Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. In *Revista Currículo sem Fronteiras*, 7(1), 115-126, Jan/Jun 2007.
- Cohen, L., Manion, L. & Morriison, K. (2001). *Research Methods in Education* (5th. ed.). Routledge/Falmer.
- Despacho n.º 6605-A/2021 de 6 de julho de 2021, procede à definição dos referenciais curriculares das várias dimensões do desenvolvimento curricular, incluindo a avaliação externa.
- Erickson, F. (1986). *Qualitative Methods in Research on Teaching*. In M. Wittrock (Ed.), *Handbook of Research on teaching* (3.ª Edition), (pp. 119-161). Macmillan.

- Gago, M. (2007). *Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. [Tese de Doutoramento]. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/6752>
- Gago, M. (2018a). *Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. CITCEM – Ed. Afrontamento. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17446.pdf>
- Gago, M. (2018b). "Being History Teacher: the beginning of a formative-educational process - Ser Professor de História em tempos difíceis: início de um processo formativo". In *Revista Antíteses*, 11(22), 505-515. <https://orcid.org/0000-0002-3109-8915>
- Gallie, W. B. (1964). *Philosophy and the historical understanding*. Chatto & Windus.
- ICS-UMinho (2022a): Página da Licenciatura em História. Disponível em: https://www.ics.uminho.pt/pt/Ensino/Oferta-Formativa-Geral/_layouts/15/UMinho.PortaisUOEI.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=4226&catId=13
- IE-UMinho (2022b): Página do Mestrado em Ensino de História. <https://www.ie.uminho.pt/pt/Ensino/mestrados/ensino/Paginas/EnsinodeHistoriano3CicloDoEnsinoBasicoenoEnsinoSecundario.aspx>.
- Lorenz, C. (1998). "Historical knowledge and historical reality: A plea for «Internal Realism»". In B., Fay; P., Pomper, & R. Vann (eds.). *History and Theory: Contemporary Readings* (pp. 342-376). Blackwell Publishers.
- Osler, A. & Starkey, H. (2010). *Teachers and Human Rights Education*. IoE.
- Rüsen, J. (2006). Humanism and nature- some reflections on a complex relationship. *The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa*, 2(2), 265-276.
- Rüsen, J. (2010). *Historizing Humanity-Some Theoretical Considerations on Contextualization and Understanding regarding the Idea of Humanity*. Taiwan.
- Rüsen, J. (2015). *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Editora UFPR.
- Rüsen, J. (2016a). "A Função da Didática da História: A Relação entre a Didática da História e a (meta) História". In *Contribuição para uma Teoria da Didática da História* (pp. 13-42). W&A Editores.
- Rüsen, J. (2016b): "O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História". In *Contribuição para uma Teoria da Didática da História* (pp. 53-91). W&A Editores.
- Solé, G. (2021b). Educação Histórica em Portugal: percursos formativos e investigativos na Universidade do Minho. In Luís Alberto Alves, Marília Gago & Mariana Lagarto (Coord). *Vinte anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica* (pp. 151-167). CITCEM, FLUP, Universidade Porto.
- Solé, G. (2021a). Ensino da História em Portugal: o currículo, programas, manuais escolares e formação docente. *El Futuro del Pasado*, 12, 21-59. <https://doi.org/10.14201/fdp2021122159>
- Solé, G., & Gago, M. (2021). The history teacher education process in Portugal: a mixed method study about professionalism development. *Humanit Soc Sci Commun* 8, 51. <https://doi.org/10.1057/s41599-021-00726-9>

Contribución de autorías · Authorship contributions

Todas las personas firmantes han contribuido por igual en la investigación y la elaboración de este trabajo.

Conflito de interesses · Conflict of Interest

Os autores declaram não haver conflito de interesses associado a este trabalho.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado pelo CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, projetos UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT., e "La enseñanza y el aprendizaje de competencias históricas en bachillerato: un reto para lograr una ciudadanía crítica y democrática [PID2020-113453RB-I00], subvencionado por la Agencia Estatal de Investigación de España (MCIN/AEI/10.13039/501100011033); y UIDB/01661/2020.